Síntese

A primeira aula em qualquer disciplina do Ensino Superior reveste-se, aos meus olhos, de uma importância especial. Na licenciatura em Psicologia e na disciplina de Introdução a um 1º curso em Psicologia é ainda mais significativa e determinante, particularmente, nestes tempos, em que há alunos de diferentes lugares do país e do mundo.

Curso de Psicologia na Universidade de Aveiro

Introdução à Psicologia, 1ª aula

José Tavares

 jtav@ua.pt

<https://www.jpctavares.com>

1ª versão, 2023

**Breves notas introdutórias 5**

**A criação do Curso de Psicologia na Universidade de Aveiro 6**

**1ª aula do 1º ano do 1º curso na disciplina de Introdução à Psicologia 9**

**Conclusão 15**

**Link 16**

**Breves notas introdutórias**

Não irei reproduzir a história nem as vicissitudes pelas quais passou a criação do curso de Psicologia na Universidade de Aveiro, mas apenas evocar algumas memórias e reflexões pessoais sobre o assunto. Darei algum relevo à primeira aula do curso que tive a oportunidade de lecionar na disciplina de Introdução à Psicologia que me foi incumbido reger e que foi também a última na minha carreira académica, antes de me ter aposentado como Professor Catedrático Jubilado.

Procurarei fazê-lo num estilo muito próximo e direto, porventura, não cientificamente correto, mas não menos cuidado e rigoroso ao jeito de como, neste momento, encaro a uso da comunicação, libertando-a de tudo aquilo que julgo de puro artefacto para justificar um certo *status* a que não dou grande importância nem me parece ser merecedor disso. Por isso, omitirei citações e apoios em autoridades porque não pretendo propor ou defender qualquer teoria, mas tão só exprimir aquilo que penso sobre algo que os anos ajudam não só a relativizar, mas também a esbater e a diminuir o nível de subjetividade que lhe pudesse estar inerente.

Assim, começarei por contar de um modo sucinto a pequena história de como o curso de Psicologia foi criado na Universidade de Aveiro após bastante tempo de espera, de amadurecimento e de persistência. Seguidamente, deixarei algumas reflexões sobre a 1ª aula na disciplina de Introdução à Psicologia no 1º Curso de Psicologia da Universidade de Aveiro. Por último e a concluir umas reflexões sobre os seus primeiros licenciados, mestrados, doutorados e o futuro da Psicologia na Universidade.

Porquê só agora me dispus a fazer esta reflexão? Para poder ter uma perspetiva um pouco mais distante e, porventura, mais fidedigna e objetiva.

 **A criação do Curso de Psicologia na Universidade de Aveiro**

Não foi fácil criar o curso de Psicologia na Universidade de Aveiro. Demorou, talvez, demasiado tempo e foi preciso esperar por uma janela de alguma abertura na Universidade. Na realidade, só depois desse tempo chegar, não obstante o trabalho persistente que foi sendo realizado por algumas pessoas mais sensibilizadas e empenhadas, é que o curso foi criado e começou a ser implementado. Não irei mencionar nomes por razões óbvias. Na Academia, estas questões são sempre muito delicadas e também não adiantam muito ao caso.

As licenciaturas e os cursos de Psicologia, em Portugal e noutros países, geralmente, foram criados por pessoas formadas, especialistas e doutorados provenientes de outras áreas científicas, tais como, Filosofia, Medicina, Biologia, Pedagogia, Teologia, etc., simplesmente por não haver ainda pessoas formadas nessa especialidade. Os Psicólogos muitas vezes, ainda hoje, tendem a esquecer essa realidade e continuam a querer ignorá-la ou mesmo a desejar a “morte do pai”, neste caso, dos pais, para afirmar a sua autonomia. Na Universidade de Aveiro, não foi exceção, embora nessa altura já havia muita gente formada, especializada e graduada ao mais alto nível em Psicologia, em Portugal e provenientes de outros países, mas a sua contratação não era fácil e a Universidade de Aveiro não tinha abertura suficiente para esse efeito. A situação foi-se alterando com alguns docentes que, entretanto, foram fazendo o seu mestrado, doutoramento e agregação em Psicologia, Psicologia da Educação ou em Ciências da Educação e, designadamente, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Administração Escolar. Também foram sendo desenvolvidos alguns laboratórios de investigação, em ligação com a Unidade de Investigação da Fundação para Ciência e Tecnologia, “Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação” cuja designação, nos últimos 3 anos da sua existência, foi alterada para “Educação e Ciências do Comportamento”, entre os quais o Laboratório de Psicologia “Psylab” que me foi dado poder coordenar no início e que, de certa forma, veio ajudar a afirmar a investigação em Psicologia na Universidade ainda que com uma abertura e um interesse especiais para as neurociências.

Mas as resistências à criação do Curso de Psicologia na Universidade de Aveiro continuavam com a argumentação de que a base fundadora da Universidade era departamental nos domínios de Eletrónica e Telecomunicações, de Física, Química, de Biologia, de Matemática, de Cerâmica e do Vidro, (Engenharias dos Materiais), de Geociências, de Línguas e Culturas, de Ciências da Educação, de Comunicação e Arte, etc. e que as especializações eram definidas pelos títulos das Teses de Doutoramento dos seus professores e investigadores. Sempre lutei contra esta ideia peregrina e achava que, sobretudo, aquando de uma maior internacionalização da Universidade que foi uma boa e grande aposta e que, ainda hoje, é um dos seus melhores marcadores entre outras instituições universitárias e tínhamos de nos apresentar aos pares de outras universidades do país e de países estrangeiros, por exemplo, em encontros ou congressos de Psicologia, Sociologia ou de Administração e Gestão Escolares, não fazia grande sentido termos de apresentar-nos como doutores em Ciências da Educação, quando, na realidade, trabalhávamos nos domínios da Psicologia, da Sociologia ou da Administração Escolar. Com pena minha, mas apenas já muito próximo da minha jubilação, achava que a situação estava a mudar e os próprios colegas começavam a ser menos convencidos e fundamentalistas a defender as Ciências de Educação contra os colegas de outros Departamentos que nunca tinha “engolido” verdadeiramente existência deste domínio científico na Universidade de Aveiro. O pessoal académico de domínios de cariz mais virado para as chamadas “ciências duras”, engenharias e tecnologias fizeram uma oposição sem quartel durante todo o tempo a esta área do saber pela qual não tinham grande apreço. Aceitavam um pouco ou toleravam apenas a formação de professores na Universidade porque ainda tinha bastante participação, no início, na formação dos professores do Ensino básico e Secundário.

A gota de água para abrir a tal janela de oportunidade para a criação do Curso da Psicologia na Universidade de Aveiro, julgo ter sido o concurso para o preenchimento de um lugar de Professor Catedrático para Ciências da Educação, no âmbito da Psicologia Educação, que veio a ser preenchido por um Professor de Psicologia da Universidade do Minho, Doutor Carlos Fernandes Silva. Embora a sua contratação não tivesse sido muito pacífica, como acontece em todos os casos, em que os candidatos da casa não vencem o concurso. Acabou, no entanto, por ser uma mais-valia para, finalmente, ser desbloqueada a criação do Curso de Psicologia na Universidade.

Desde o início a Psicologia, na realidade, não esteve ausente na Universidade de Aveiro. Havia várias disciplinas nos cursos de Formação de Professores e Educadores que tinham disciplinas de Psicologia, sobretudo, nas especialidades de psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, psicologia da educação, escolar e clínica. Teve também lugar na Universidade a realização do mestrado em “Ativação do Desenvolvimento Psicológico” (em várias edições) e que foi a realização do 1º mestrado em Portugal. A abertura, porém, do Curso de Psicologia, até para convencer a própria Universidade da sua pertinência exigia que não fosse mais um curso de Psicologia no país, mas que incidisse em especialidades diferentes. Por isso, foi repensada a especialidade de Psicologia da Educação tendo em conta sua incidência em domínios do desenvolvimento, da aprendizagem, do conhecimento, clínica e introduzidas duas novas especialidades incidindo sobre temáticas dos domínios da Psicologia Forense e das Neurociências e Inteligência Artificial.

Pude apenas acompanhar diretamente o 1º ano do 1º curso que correu bastante bem e de acordo com os objetivos traçados. Sobre os anos a seguir haverá outras pessoas mais bem informadas para continuar a contar esta pequena história porque, entretanto, atingi a idade de jubilação que me dispensava da lecionação e da obrigação de participar em reuniões na Universidade, embora, como fui informado, na altura, mantivesse a vinculação e todos os demais direitos, como Professor Catedrático Jubilado, prerrogativa que parece estar a ser esquecida ou cair em desuso.

De qualquer modo, acho que o Curso de Psicologia, como o fez nestes primeiros doze anos, irá continuar a seguir o seu caminho com discernimento, qualidade e rigor a formar especialistas e profissionais de acordo com os objetivos traçados, as necessidades do País e dentro dos melhores padrões nacionais e internacionais na ciência psicológica.

**1ª aula do 1º ano do 1º curso na disciplina de Introdução à Psicologia**

A 1ª aula, em qualquer disciplina no começo do ano letivo, em qualquer grau de ensino, mas sobretudo, no ensino superior, reveste-se de primacial importância. Na 1ª aula deverá antecipar-se, de alguma forma, um conhecimento geral e uma boa relação de confiança entre alunos e professor, conhecer as atividades a desenvolver, os conteúdos a descobrir, aprofundar e, se possível, a assimilar e a dominar, com todos e com cada um dos intervenientes no processo de ensino-aprendizagem e de investigação, de acordo com os objetivos estabelecidos. Para isso, será preciso desenvolver dinâmicas individuais, pessoais, coletivas, sociais e em equipa para conhecer e aprofundar as temáticas apresentadas nos respetivos programas aprendendo, desaprendendo e reaprendendo de uma maneira ativa, inteligente, responsável, livre, crítica, colaborativa e autónoma. Memorizar apenas e o mais fielmente possível o que o professor ensina e “debitá-lo” nos testes ou provas de avaliação não deverá ser nunca o caminho a seguir como, muitas vezes, a experiência nos diz, aconteceu no passado. Encher a cabeça dos alunos de conhecimentos como de “contentores” se tratasse deverá ser evitado em todos os graus de ensino, mas, sobretudo, no ensino superior politécnico e universitário. Pelo contrário, o aluno deverá ir descobrindo e organizando o seu conhecimento de uma maneira criativa, progressiva, construtiva, reflexiva, crítica, colaborativa com os seus professores e investigadores, com os colegas e em interação com os seus contextos mais ou menos alargados ao nível local, regional e global.

Sempre dei bastante importância à 1ª aula das diferentes disciplinas que regi, e, designadamente, no âmbito da Filosofia e da Psicologia. Esta convicção foi-se desenvolvendo com o tempo chegando ao ponto de envolver alguns dos meus doutorandos em Educação e Psicologia, em disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e Questões Pedagógicas no Ensino Superior, que foram programadas e organizadas como se de um projeto de investigação se tratasse. Dava bastante trabalho, mas tudo se tornava mais desafiante e encorajador para o professor e sua equipa de investigação e para os alunos que acabavam por ser atores mais ativos e motivados nas diferentes tarefas em que o programa da disciplina era vertido bem como na sua lecionação e avaliação. Foi um trabalho muito interessante e divulgado em relatórios ou publicado em artigos, ao tempo, mas de que aqui não me irei ocupar. Ainda hoje alguns desses doutorandos e doutorandas, quando nos encontramos, me falam dessas pequenas aventuras, que designávamos, como “estaleiros” de trabalho e investigação. Alguns foram mesmo o ponto de partida para a elaboração de teses de mestrado e doutoramento.

Nesta pequena reflexão, porém, quero focar-me apenas na 1ª aula na disciplina de Introdução à Psicologia no 1º Curso de Psicologia na Universidade de Aveiro. Foi a primeira disciplina do curso e teve lugar, no 1º semestre de 2008, menos de um ano antes de ser aposentado, por força da lei, como Professor Catedrático Jubilado. Devo dizer que nessa altura me sentia muito bem e não tinha nenhuma vontade de me reformar, nem tinha sequer pensado em antecipar a aposentação. A criação deste curso na Universidade tinha sido um sonho que vinha de longe e gostaria de o ter podido acompanhar e nele participar durante mais tempo. Esta 1ª aula, talvez, tivesse sido condicionada um pouco por essa circunstância.

Mas não irei apenas relatar, o mais fielmente possível, o que, na altura, aconteceu, mas sim aquilo que gostaria que tivesse acontecido visto da posição em que me encontro, neste momento. Recordo-me que contei um pouco aos alunos a pequena história da criação do curso de Psicologia na Universidade, de fazer uma breve apresentação aos alunos e pedir-lhes para que cada um se apresentasse também. Seguidamente, fiz uma súmula das temáticas que iríamos abordar, dos processos a seguir e da avaliação. Por último, dei alguns conselhos e acrescentei umas recomendações para que neste trabalho de equipa todos e cada um pudesse atingir o maior sucesso possível, um objetivo que sempre esteve presente no modo de conduzir o processo de ensino e aprendizagem. Um pouco, o que normalmente se fazia numa 1ª aula de semestre ou anual. Hoje, penso que poderia ter feito bastante mais.

Talvez, insistindo em alguns pontos que acho que agora poderia completar e aprofundar e não transmiti a esses primeiros alunos do curso de Psicologia. Acresce dizer que nos encontramos num outro tempo e num outro contexto bem distinto, mas que não era de todo impeditivo de o ter feito. E o que, na altura, me deveria ter merecido uma maior atenção e consideração ao me debruçar sobre o objeto da Psicologia ou da Ciência Psicológica, como me apraz designar esta área do conhecimento e os seus diversos campos de incidência e respetivos contextos, era tê-lo feito mais em diálogo com os alunos no sentido de eles descobrirem por si próprios os conteúdos que deveriam integrar o programa de uma disciplina de Introdução à Psicologia, a metodologia a seguir e a avaliação qualitativa e quantitativa a realizar.

Uma abordagem deste teor poderia ser muito estimulante e encorajadora, uma vez que o objeto da Psicologia são as pessoas, as suas maneiras de pensar, de ser, de sentir, estar e relacionar-se consigo, com os outros e os seus contextos físicos, biológicos, psicológicos, éticos, culturais. A Psicologia é a ciência humana e social por excelência. Trata dos fenómenos psíquicos, do psiquismo humano e animal que se manifestam através dos mais diversos comportamentos desde as suas expressões mais simples e sensoriais nos animais, nas crianças, nos povos primitivos e nos dementes até aos mais elevados níveis mentais e conscientes do ser humano e do homem do futuro. Trata também de todos aqueles fizeram ciência, filosofia, teologia, que criaram arte, tecnologia, incentivaram a vivência de valores políticos, éticos, religiosos nos comportamentos etc., pela simples razão de que o seu objeto de estudo e investigação é o sujeito humano e os seus contextos mais ou menos alargados, através das suas manifestações psíquicas e comportamentais. A introdução a um curso cujo objeto de estudo sou eu próprio e todos os outros, todas outras pessoas que estão fora mim, neste planeta, que vêm do fundo tempo, estão no tempo, caminham para o futuro e, os que acreditam numa vida que não acaba nunca, para além do tempo, é verdadeiramente estimulante e desafiador. A Psicologia está na fronteira da ciência porque é aquela que se ocupa do espírito humano que através do seu corpo mergulha no mundo da vida, da química, da física e através da sua mente, da sua consciência o liga ao pensamento, ao céu, ao divino.

Nenhuma outra ciência tem um laboratório de investigação tão rico e tão próximo como a Psicologia: o ser humano em toda a sua amplitude e complexidade e seus contextos físicos, biológicos, psicológicos, sociais, culturais ao nível, local, nacional, regional, global, planetário. Por isso, ao contrário do que normalmente se pensa, a ciência psicológica precisa dos melhores equipamentos para investigar o seu objeto e ir o mais longe e o mais fundo possível na sua descrição e compreensão. Equipamentos que permitam, com processos mais finos, flexíveis e resilientes, procurar ver e, de alguma forma de medir e exprimir, a realidade que lhe está subjacente não apenas quantitativa, mas, sobretudo, qualitativa. As neurociências que tentam descrever e compreender a relação entre o corpo e o espírito através de investigações mais aprofundadas sobre o cérebro nos seus níveis mais recônditos e intangíveis que, hoje, nos é oferecido através das nano-ciências e das nanotecnologias, constituem, talvez, a maior aproximação entre as ciências biológicas e físicas e as ciências sociais e humanas que de alguma forma a ciência psicológica atravessa. A ciência é, por assim dizer, a janela que possibilita a todo aquele que a professa e produz individualmente ou em equipa, ir mais além, embora o caminho por andar seja ainda muito longo. Por alguma razão, os primeiros psicólogos foram filósofos, médicos, pedagogos e teólogos, origem que não poderá ser esquecida nem mesmo desvalorizada, numa tentativa de “morte do pai” ou dos pais, restos que ainda perduram na cabeça dos psicólogos mais militantes.

A este respeito, ficar enredado em complexos não só é castrador, mas também falseia a própria realidade, o rigor e a honestidade científicos. Por isso, numa 1ª aula de um 1º Curso de Psicologia como este e numa disciplina de Introdução ao curso, acho que não devem ser apenas abertos e relacionados os diferentes conteúdos que irão ser desenvolvidos, investigados e discutidos nas disciplinas específicas e comuns das diversas especialidades e, designadamente, Psicologia da Educação, Clínica, Forense, de Neurociências, mas também, os processos e os métodos para as suas abordagens, as atitudes e os contextos com grande abertura de espírito que o verdadeira cientista das ciências físicas, biológicas, psicológicas e socioculturais não poderá perder de vista. Este seria um dos pontos que gostaria de ter sublinhado com mais intensidade e determinação.

Não sei como está a decorrer o Curso após estes mais de 12 anos em que me afastei, mas por alguns ecos que me têm chegado, acho que tem corrido bem e os seus graduados ao nível da licenciatura, mestrado e doutoramento têm dado boa conta de si e da Instituição na investigação, na docência, na aprendizagem e no mercado do trabalho. Pelo que continuo a pensar que valeu a pena o esforço dispensado. Gostava, no entanto, que o Curso continuasse, nas especialidades criadas e outras que venham a ser implementadas, a ser inovador e a disputar os lugares cimeiros na concorrência que julgo ser também o desejo daqueles que continuam a lutar por ele todos os dias sem esmorecer. A todos aqui deixo esse meu desejo, como o melhor encorajamento e o meu muito obrigado por me terem dado oportunidade de ter participado nessa aventura.

**Conclusão**

Acho que não fica por dizer, nem quero dizer muito mais, gostaria apenas de reiterar tudo aquilo que disse anteriormente e concluir que valeu a pena. Pela parte que me toca, agradecer a todos aqueles que estiveram presentes e estão nesta aventura e não se pouparam a esforços. E desejar que continuem a lutar na Universidade e fora dela para que o Curso de Psicologia se desenvolva e consolide com o maior sucesso e possa contribuir da melhor maneira possível para a formação especialização daqueles a quem se dirige e, designadamente, os seus profissionais e investigadores, ao nível nacional e internacional.

Link

<https://www.google.com/search?q=rela%C3%A7%C3%A3o+entre+as+nanoci%C3%AAncias+e+as+ci%C3%AAncias+do+esp%C3%ADrito&sxsrf=AJOqlzVkGbUAc9HNOt3hEluISdkoIN4Cww%3A1674242043294&source=hp&ei=--fKY9PGD8iYkdUPm--ngAw&iflsig=AK50M_UAAAAAY8r2C4HX6KVaTm6PsHl4aBKclDyZ82vb&ved=0ahUKEwiTsIbS7db8AhVITKQEHZv3CcAQ4dUDCA8&uact=5&oq=rela%C3%A7%C3%A3o+entre+as+nanoci%C3%AAncias+e+as+ci%C3%AAncias+do+esp%C3%ADrito&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBQghEKABMgUIIRCgATIFCCEQoAEyBQghEKABOg0ILhDHARDRAxDqAhAnOgcIIxDqAhAnOgsIABCABBCxAxCDAToKCC4QxwEQ0QMQAzoRCC4QgAQQsQMQgwEQxwEQ0QM6BAgAEAM6CwguELEDEIMBENQCOggIABCxAxCDAToICC4QsQMQgwE6DgguELEDEIMBEMcBENEDOgQIIxAnOggIABCABBCxAzoFCAAQgAQ6CwguEIAEEMcBEK8BOggILhCABBDUAjoNCAAQgAQQsQMQgwEQCjoNCC4QgAQQxwEQrwEQCjoHCAAQgAQQCjoKCC4QgAQQ1AIQCjoICAAQFhAeEAo6CwgAEBYQHhAPEPEEOgYIABAWEB46BwgAEA0QgAQ6CAgAEAgQHhANOgoIABAIEB4QDRAPOgoIIRAWEB4QHRAKOgcIABAeEKIEOgUIABCiBDoHCCEQoAEQCjoECCEQClCIVVjN2ANgo-4DaAVwAHgAgAG2AogBtjeSAQkxMC41MC4wLjGYAQCgAQGwAQo&sclient=gws-wiz>

(19 de janeiro, 2023)